

ACTAS DO  
VII ENCONTRO NACIONAL

# MUSEOLOGIA E AUTARQUIAS

experiências

perspectivas

1998

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL



# O MUSEU DE MÉRTOLA

## o núcleo museológico da Achada de S. Sebastião\*

Virgílio Lopes | Campo Arqueológico de Mértola

Pretende-se com esta comunicação dar uma perspectiva geral do Museu de Mértola, incidindo particularmente no caso do núcleo museológico da Achada de S. Sebastião.

Os projectos de ampliação da Escola C+S de Mértola e a construção de um pavilhão gimnodesportivo, anexo à mesma, despoletaram um processo de intervenção arqueológica na área de realização das obras que se encontravam projectadas, levada a cabo entre Outubro de 1991 e Janeiro de 1992.

Apesar do carácter de emergência dos trabalhos arqueológicos, foi possível identificar um vasto conjunto de sepulturas pertencentes a uma necrópole de época romana e tardo-romana, bem como as ruínas de uma antiga ermida, fundada no século XVI dedicada a S. Sebastião. A importância histórica dos achados despertou, junto das instituições envolvidas no processo (a direcção da Escola C+S, o Campo Arqueológico, a Escola Profissional Bento de Jesus Caraça e a Câmara Municipal de Mértola), a necessidade e o interesse científico-pedagógico de preservar parcialmente as estruturas postas a descoberto, tendo-se desde logo equacionado a questão quanto à sua futura valorização.

No decurso do presente ano procedeu-se à execução dos projectos de recuperação da ermida e da sua musealização, para os quais se tornou indispensável o concurso das entidades acima referidas.

O objectivo final é o da musealização do conjunto das sepulturas e da ermida de S. Sebastião, projecto que passa pela reconstrução desta última e a salvaguarda/valorização das primeiras. As estruturas, no seu conjunto, são entendidas como museu de sítio, que historicamente testemunham diferentes momentos de ocupação do local onde hoje a escola se implanta.

---

\* Resumo distribuído no Encontro.

## Debate

### **António Nabais** — Conservador de Museus

Começo por uma pequena nota. As comunicações aqui apresentadas destinam-se a profissionais de museus ou pessoas que nestes trabalham, pelo que gostaríamos de ver como esses museus estão organizados, e essa é uma questão que permanece depois destas belas apresentações.

Concluimos que, em moldes diferentes, as duas experiências antes divulgadas funcionam bem, mas não sabemos como. Sendo estes Encontros uma forma de aprendizagem, permanece a curiosidade e, embora eu conheça ambas as experiências, há aqui muita gente que não tem esse privilégio.

### **Mário Moutinho** — Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Intervenho apenas para manifestar que não tenho perguntas nenhuma a fazer, pois ouvimos duas comunicações sobre dois museus felizes.

### **Isabel Pereira** — Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz)

Eu respondo.

### **Mário Moutinho** — Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

É por eu conhecer um pouco do trabalho realizado na Figueira da Foz e em Mértola, que me sinto deslocado face a estas comunicações.

### **Isabel Pereira** — Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz)

Penso que, tanto um caso como o outro, nada têm a ver com a felicidade, nem com o acaso. Têm sim a ver com muitos anos de trabalho, com muita abnegação, com o saber reconhecer os erros. Hoje, por exemplo, não montaria o Museu da Figueira da Foz da mesma forma; aprendi com quem lá foi, aprendi com os mais novos que vieram depois de mim, aprendi com os erros — um Museu nunca está feito, um Museu vai-se fazendo. Penso que não há ninguém que se sinta completamente feliz num Museu. Se isso suceder, mais vale procurar outra profissão, porque aquela não é a sua.

### **Berta Duarte** — Câmara Municipal de Coimbra

Coimbra tem imensos Museus, embora uma grande parte deles fechados ao público, como se sabe. Finalmente, existe o projecto de criação de um Museu da Cidade, que concilie a actividade dos Museus e os acervos já existentes com outros pólos que se venham a criar. Assim, o que me interessa sobretudo colher deste Encontro é saber como é que se estrutura um Museu em vários núcleos. Daí que a experiência de Mértola, embora muito diferente da nossa, possa ser importante, pelo que gostaria de a conhecer com mais algum detalhe e de ver desenvolvida a questão da organização e da gestão de um Museu por núcleos.

**Virgílio Lopes** — Campo Arqueológico de Mértola

É fácil responder à sua questão. Pelo seu valiosíssimo passado, não se pode abrir um buraco em Mértola que não apareçam vestígios arqueológicos. Há algumas opções, nomeadamente as que referi nos casos do Núcleo Paleo-Cristão e do Núcleo Romano, mas são situações que vão crescendo, não têm propriamente uma receita. Há que sentar numa mesma mesa as diversas organizações que trabalham para um mesmo fim, e tomar opções de acordo com os financiamentos disponíveis. Nada está garantido e a própria musealização vai surgindo pouco a pouco, conforme for possível aplicar os planos no terreno.

**Maria Olímpia Lameiras-Campagnolo** — Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS/UPR 262

Ligando o prático ao teórico, há efectivamente em Mértola um controlo das operações e uma tentativa de reformular cada vez que há uma modificação, em ligação directa com a autarquia. Outro elemento a ter em conta é a preocupação da rentabilização da experiência, da sua inserção no meio económico, por forma a que a comunidade a sinta como sua. Como exemplo, foi referido o Núcleo da Tecelagem e penso que, na comunicação escrita, a informação será complementada e atenderá à pertinência da pergunta anterior.

**Virgílio Lopes** — Campo Arqueológico de Mértola

Como é que esta história funciona, como se operacionaliza a visita a estes núcleos todos? Com alguma dificuldade. Para que tudo funcionasse na perfeição, eram necessárias uma ou duas pessoas por núcleo, aspecto que, neste momento, não há capacidade para resolver. Mantém-se um Posto de Informação, onde as pessoas se dirigem em grupo ou individualmente, e é daí que parte a visita guiada aos diversos núcleos. Ora este Posto tem duas, três pessoas, pelo que é óbvio que não pode responder às solicitações de três ou quatro visitas simultâneas... não há fórmulas... tenta-se resolver estes casos com base na boa vontade e no envolvimento das pessoas. Se calhar, este esquema não podia funcionar num organismo com regras muito precisas...

**Rafael Calado** — Instituto Português de Museus

É extremamente curioso, pelo menos para mim, fazer uma análise destas duas comunicações, na medida em que parecem estar em campos completamente opostos. A Figueira da Foz tem um Museu completamente estruturado, teve o apoio de equipas heterogêneas e foi possível fazer toda uma montagem, toda uma museografia rigorosa que, apesar disso, não satisfaz a Dr.<sup>a</sup> Isabel Pereira. Mértola, onde, infelizmente, não vou há dois anos, mas que acompanho, tem um trabalho notável, assente na necessidade de tornar públicas as coisas, de as tornar vivas e envolver toda a comunidade, desde as crianças. Compreendo por isso a pressa, a coragem com que avançam, mas não posso deixar de reconhecer que algumas coisas poderiam ter resultado muito melhor se tivessem tido outros apoios, que não procuraram ou não puderam ter. Essa é uma lição a retirar quando se procura um alto nível de exigência, como em reuniões deste tipo, onde tentamos atingir o melhor e se devem reconhecer estas faltas, não como defeito mas como acidente.